



## GRAMSCI E OS CONSELHOS DE FÁBRICA (1919-1920)

Marília Gabriella Machado<sup>12</sup>  
Mestranda da UNESP

### Resumo

No âmbito acadêmico e político, o nome de Gramsci irrompe em diversos cenários. No Brasil, o autor pôde ser analisado por diversos prismas: voltado à educação, às questões culturais, à política e até mesmo tornou-se alvo de muitas polêmicas infundadas. O Gramsci que intelectuais competentes examinam, mormente é estudado a partir do período em que o comunista sardo esteve no cárcere. Em contraponto, este artigo surge como fruto de pesquisa da obra pré-carcerária de Gramsci e tem como objetivo principal compreender as formulações teóricas e práticas do jovem sardo durante o *Biennio Rosso*, a partir de artigos publicados por Gramsci no *L'Ordine Nuovo*.

**Palavras-Chave:** Conselhos de Fábrica. Americanismo. Revolução.

### A onda revolucionária dos Conselhos

Os oceanos são formados pela imensa massa de água salgada que envolve o planeta Terra. Essas águas, que não são inertes, vivem em intenso movimento com o

---

<sup>1</sup>Mestranda em Ciências Sociais (FFC/UNESP) e bolsista CAPES, pesquisadora na área de Teoria Política do Socialismo com foco na obra pré-carcerária de Gramsci. [gabriella.borgesmachado@hotmail.com](mailto:gabriella.borgesmachado@hotmail.com).

<sup>2</sup> O leitor irá notar que além da bibliografia complementar que se perfaz em livros de intelectuais gramscianos, esse trabalho conta de maneira significativa com a leitura e análise de inúmeros textos de Gramsci. Os textos referenciados como (GRAMSCI, 1973) foram lidos do livro *Scritti Politici*, organizados na íntegra por Paolo Spriano – todos os textos de 1973 são de autoria de Gramsci, pois o livro é uma coletânea de textos escritos durante 1916-1919 pelo jovem sardo em jornais do Partido Socialista Italiano (PSI) --. Os textos referenciados como (GRAMSCI, 1999) são os *Cadernos do Cárcere*, traduzidos por Carlos Nelson Coutinho, publicados no Brasil. Os mais utilizados e referenciados como (GRAMSCI, 1954) fazem parte do livro *Opere di Antonio Gramsci: L'Ordine Nuovo: 1919-1920*, organizados e publicados pela Editora Einaud, na Itália. Os textos referenciados (1919) ou (1920) foram extraídos diretamente do semanário *L'Ordine Nuovo*.

auxílio da ação dos ventos e das fases lunares, formam as ondas, as marés e as correntes marítimas. Assim como o movimento da história dos trabalhadores, que precisam de um objetivo fim e de uma série de organismos que direcionem a luta para a consolidação do poder e fim da espontaneidade, as ondas podem ser gigantescas e transformar grande parte da natureza ao modificarem a estrutura do planeta.

A onda gigantesca formada pelos *Soviets* russos foi o resultado da organização dos operários de Petrogrado de 1917. Essa onda revolucionária espalhou-se por inúmeras praias e, com devidas particularidades, os operários da Alemanha, da Hungria e da Itália puderam construir sua própria maré, por meio do mesmo organismo de autogoverno: o *Soviet*.

Mas, o poder e o controle operário não dependem apenas da vontade das classes subalternas, são inúmeros os fatores necessários para a consolidação de uma nova hegemonia que vai desde a aliança com os camponeses, à ação revolucionária do princípio educativo e à centralidade do trabalho livre que constrói um novo tipo humano. Entre outros fatores para a formação de uma unidade proletária – primeiro nacional e depois internacional --, os operários precisam se organizar de maneira que essencialmente uma democracia surja do movimento e esteja presente como parte inerente na construção de uma nova sociedade.

Construir uma sociedade comunista deve, antes de tudo, fazer com que a luta de classes conduza à criação de organismos capazes de dar uma forma a toda a humanidade. Um organismo, uma instituição é tanto mais revolucionária quanto mais contiver em si esta possibilidade de desenvolvimento. (NÃO ASSINADO, 1920, p.257).

Para tanto, os Conselhos surgiam como as marés, ou seja, a partir dos movimentos diários das águas – dos operários --, que avançam e recuam – que compreendem o movimento da história e se inserem nela, não mais espontaneamente, mas direcionados para a construção de uma nova política que organiza o trabalho e as relações sociais. Os Conselhos são considerados como “as organizações estatais da classe operária e dos camponeses pobres, que exercem a ditadura durante o período no qual vão morrendo todas as formas de Estado”, ou seja, que reconstróem os organismos do proletariado de acordo com as necessidades das classes dominadas.

A partir da compreensão do movimento da história, é possível entender a possibilidade de transformação e formação de uma nova sociedade. À exemplo da Rússia revolucionária, os Conselhos se tornavam parte da reconstrução da nova sociedade, tornavam-se essenciais para a readequação do movimento operário e da linha de seu desenvolvimento, do Partido e do Sindicato.

O Estado dos *Soviets* foi construído lentamente na Rússia desde 1917, os operários e camponeses criavam os organismos necessários de autogestão e autogoverno do proletariado, de forma que as estruturas da sociedade se transformavam. Os operários trabalhavam para a constituição do Estado proletário e “realizavam a autonomia soberana do trabalho na produção e na distribuição dos bens materiais e em todas as esferas, internas e externas do Estado.” (ZETKIN *et al*, 1919, p.19).

Na Alemanha, a revolução socialista começou em meados de novembro de 1918, tendo Rosa Luxemburg como expressão intelectual importantíssima na condução do movimento revolucionário. Os primeiros Conselhos de Operários e Soldados eram semelhantes aos *Soviets* russos. Rosa chamava atenção sobre as contradições do movimento operário e lutava pela liquidação dos Sindicatos. O Partido e o Sindicato continuavam elegendo os velhos dirigentes reformistas e os Conselhos surgiam como um organismo de rompimento dos velhos modelos. Os Conselhos deveriam assumir a capacidade de gestão e de produção, ocupar o espaço dos Sindicatos e direcionar o proletariado para a revolução. Muito semelhante à concepção de Gramsci, Rosa compreendia a necessidade formação e de educação das massas, seria função dos Conselhos serem os “portadores de todas as necessidades políticas e econômicas”, para que as massas se aglutinassem nos Conselhos e se construíssem como o novo “órgão de poder da classe operária.” (LUXEMBURG, 1991, p.15).

A revolução se espalhava para a Europa centro-oriental e teve apogeu na Hungria de 1919 quando o poder esteve nas mãos dos operários. A experiência na Hungria assinalou os conflitos não apenas com a burguesia, o conflito com os camponeses sobre a propriedade das terras, os problemas relacionados com o Partido e com os *Soviets*, além dos conflitos entre os Conselhos e os Sindicatos que semeavam “o desconforto e a covardia entre os operários e os soldados vermelhos” representava aos poucos a queda da República Húngara dos *Soviets*, mas não deixava de assinalar uma experiência de grande importância para a história das classes subalternas e as formulações sobre a ditadura proletária internacional, que surgia dos Conselhos. (GRAMSCI, 1954, p.40).

Internacionalmente, a República dos *Soviets* seria a única forma de garantir a transição menos dolorosa para o socialismo, pois por meio dos Conselhos o Estado seria capaz de lidar com os problemas sociais e de estrutura estatal. Com o objetivo de tornar a revolução internacional, a Terceira Internacional foi responsável por organizar os Partidos Comunistas em todos os países, o objetivo era de instituir governos operários em todo o mundo, pois “todo o movimento proletário e socialista mundial” se orientava “decisivamente pela Internacional Comunista.” (GRAMSCI, 1954, p.230).

A Alemanha, com a Liga Spartakus; a Rússia com o Partido Bolchevique em que os líderes eram os Comissários do Povo da Republica Federativa dos Soviets Russos; a Hungria com a liderança de Bela Kun; na Polônia com o Partido Comunista; na Finlândia com o Partido Comunista Finlandês; o Partido Comunista da Estônia, cujos líderes são Comissários do povo da Republica Soviética da Estônia; no Partido Comunista da Letônia e da Lituania; no Partido Comunista Ucrâniano que aliado à Rússia representava a região dos Bálcãs; na Bulgária, os comunistas criavam um movimento revolucionário, na região da Iugoslávia, na Bósnia e na Sérvia os operários se organizariam em um próximo Congresso. A revolução também se espalhava pela Noruega, Dinamarca, Holanda, Bélgica, França, Suíça, Espanha, Portugal, Inglaterra, Estados Unidos, Austrália e Japão. (GRAMSCI, 1954, p. 223-224).

Em 15 de maio de 1919, Gramsci publica o artigo *A força da Revolução* e analisa -- com as informações disponíveis -- a maré revolucionária de operários e camponeses que se organizavam em Conselhos por várias regiões do mundo, o que comprova o alcance das ideias socialistas e a grande influência da Revolução Bolchevique. Demonstra que “as condições do comunismo internacional foram plenamente implantadas”, a psicologia operária mostrava transformações e o proletariado internacional desejava o controle dos meios de produção e uma unidade de classes, o comunismo se tornava “o próximo amanhã na história dos homens” com a adesão autônoma das nações. (GRAMSCI, 1954, p.228).

Na Itália a experiência conselhistas surgiu em meados de 1919. Gramsci examinou na íntegra os Conselhos de Fábrica, observou e analisou o desenvolvimento dos operários organizados e mesmo no cárcere relembrou a experiência de 1919-1920. A Itália de

Gramsci também possuía suas contradições e conflitos históricos, o Partido Socialista Italiano (PSI) e a *Confederazione Generale del Lavoro* (CGL) foram organismos muito importantes na experiência conselhistas de Turim. As reflexões de Gramsci acompanham justamente as relações do PSI, da CGL e dos Conselhos durante o movimento da história. Com críticas à política reformista e evolucionista do PSI e as ações reformistas dos Sindicatos, Gramsci observa a potencialidade revolucionária das Comissões Internas e as compreende como um organismo nascente da espontaneidade dos trabalhadores, mas capazes de se transformarem em organismos da revolução proletária.

Em 1º de maio de 1919, Gramsci, Tasca, Terracini e Togliatti publicam o primeiro número do semanário *L'Ordine Nuovo*, com a proposta de acompanhar e refletir sobre o movimento operário italiano. *L'Ordine Nuovo* se tornou o porta voz dos Conselhos de Fábrica. O semanário se apresentava como um novo modo de fazer política e cultura socialista.

A nossa revista busca esclarecer sempre de forma mais concreta que a revolução socialista será executada e se cumprirá com a elaboração e com a instituição de um tipo novo de Estado que reflete a forma da progressiva transformação para mudar a constituição econômica. Acreditamos fazer parte da máxima concretização da obra de cultura, ou seja, de educação revolucionária. (*CRONACHE DELL'ORDINE NUOVO*, 1919, p.09).

A cultura passava a exercer a função de transformação da psicologia das massas e se fundamentava na *práxis* revolucionária, tornava-se, portanto, o intelectual orgânico dos proletários de Turim e agia como educador educado pelas classes subalternas.

### **Democracia Operária: rumo à *práxis* revolucionária**

Em 21 de junho de 1919, Gramsci publicava o célebre artigo *Democrazia Operaia*. Muito se fala, a partir do artigo *Il programma dell'Ordine Nuovo*<sup>3</sup>, sobre o 'golpe de estado redacional' que Gramsci e Togliatti teriam realizado na revista *L'Ordine Nuovo*. Muitos autores compreendem o artigo de junho de 1919 como uma transformação no caráter político da revista, como se a concepção do semanário estivesse voltada para o

---

<sup>3</sup> Publicado por Gramsci em 14 de agosto de 1920, no número 12, ano II de *L'Ordine Nuovo*.

culturalismo. Segundo Rapone (2014, p.120), *Democracia Operária* evidencia o distanciamento de Gramsci em relação à orientação da revista nas primeiras publicações, como também o caráter prático político da revista. Contudo, é possível observar a partir do primeiro número de *L'Ordine Nuovo* que a maioria das publicações estavam voltadas para o debate sobre os Conselhos de Fábrica e para a revolução socialista italiana.

Na visão de Gramsci, a concepção política de seu camarada estava mais inclinada para a questão cultural e alguns artigos anunciavam a visão conformista e pacifista de Tasca, que desejava estudar as técnicas da fábrica e compreender a psicologia das massas para moldar o proletariado.

Os debates acirrados entre Tasca e Gramsci sobre a política e organização dos Conselhos de Fábrica são pouco evidentes nas obras de gramscianos. Mas, os debates podem ser vistos nas publicações seguintes, a partir do número 13 da revista, pois Tasca obteve um espaço para debater os problemas da revista e também opinar sobre os Conselhos de Fábrica.

A questão principal é compreender que, para Gramsci, o problema não estava somente na orientação política de Tasca, mas na falta de orientação dos membros das Comissões Internas, pois assim como Tasca, os membros desse organismo se organizavam com os Sindicatos e não enxergavam as Comissões como os *Soviets* da Itália.

Dessa forma, o artigo de 1920 pode ser visto como uma denúncia de Gramsci aos artigos publicados com a anuência de Tasca, pois estes retratavam a problemática culturalista e conformista que envolvia a trajetória intelectual de Tasca. Segundo Gramsci (1920, p.95), “existe na Itália, em Turim, um germe de governo operário, um germe do *Soviet*” que “é a Comissão Interna.”. Estudar seria essencial para compreender as transformações que os trabalhadores são capazes de realizar, não como simples “organização da produção material”, mas com o objetivo de elaborar

uma cultura especializada que não temos; estudamos a fábrica capitalista como uma forma necessária da classe operária, como organismo político, como território nacional do autogoverno operário.”. (GRAMSCI, 1920, p.95).

No entanto, “essa palavra era nova e foi rejeitada pelo próprio companheiro Tasca”, sendo necessário “um golpe de estado redacional para que o problema da Comissão Interna ficasse explícito.” (GRAMSCI, 1920, p.95).

A partir disso, o que significou a publicação de *Democracia Operária*?

Gramsci recorda, no artigo supracitado de 1920, que foi a partir da publicação de *Democracia Operária* que os jovens *ordinovistas* foram convidados pelas fábricas para ministrarem cursos nos círculos de cultura e de fato participarem organicamente do desenvolvimento dos Conselhos. Iniciou-se, portanto, uma nova fase de envolvimento político na construção cultural operária e na *práxis* revolucionária dos jovens de *L'Ordine Nuovo* junto dos operários de Turim. Dessa forma, a “guinada na orientação editorial e política da revista foi ela mesma o produto da educação ministrada pela classe operária aos seus educadores.” (DEL ROIO, 2018, p.120).

De fato, o trajeto em direção à *práxis* ocorreu após o artigo *Democracia Operária*, mas durante os números anteriores a revista foi capaz de trazer à luz da reflexão problemas essenciais para o proletariado italiano. A cultura na obra gramsciana deve ser vista relacionada diretamente com a política, dessa forma, a cultura para Gramsci não é intelectualismo ou abstração teórica, é cultura crítica. Ou seja, é cultura marxista que consequentemente deve estar organicamente relacionada com a *práxis* revolucionária.

A questão levantada é que *Democracia Operária*<sup>4</sup> não precisa necessariamente ser visto como um artigo divisor de águas na obra gramsciana, pois o artigo constitui uma das etapas de desenvolvimento do trajeto político-intelectual de Gramsci, mas não desqualifica os artigos publicados anteriormente pelo autor e por outros autores que transformavam, com o publicar das novas edições, o caráter da revista. O artigo de 21 de junho ressalta que o tema dos Conselhos de Fábrica viria a se tornar parte fundamental e essencial nas próximas páginas da revista socialista. Em suma,

O núcleo do artigo refere-se ao presente e ao futuro das Comissões Internas, instituto que fizera a primeira aparição nas fábricas italianas no início do século, que no correr dos anos desempenhara funções diferentes segundo as situações e os momentos do choque de classes – do controle operário sobre as condições do trabalho e do

---

<sup>4</sup> Não há dúvidas que *Democracia Operária* é um dos textos mais importantes de Gramsci, mas, como já observado, o debate sobre os Conselhos não se inicia com esse artigo, pois nos números anteriores de *L'Ordine Nuovo* a reflexão sobre a revolução socialista esteve pautada e fundamentada na prática dos *Soviets*.

disciplinamento, por conta da organização sindical, da conflitualidade espontânea até a obra de conciliação entre operários e patrões – e a que um acordo<sup>5</sup> estipulado em 20 de fevereiro de 1919, entre a Federação dos Operários Metalúrgicos e a Associação Nacional dos Industriais Mecânicos (o mesmo acordo que também acolhia a tradicional reivindicação de oito horas de trabalho) dera contornos mais preciosos, reconhecendo a Comissão Interna como representante na fábrica da organização sindical nas relações com a direção do estabelecimento. (RAPONE, 2014, p.118).

O artigo de Gramsci retrata de modo sistematizado as contradições da sociedade italiana e estabelece novos paradigmas para o proletariado. O autor demonstra nesse artigo, mesmo que implicitamente, inúmeras categorias que mais tarde irá desenvolver ou que estavam em desenvolvimento desde seus primeiros anos em Turim. Quando Gramsci fala sobre as forças sociais desencadeadas pela guerra fica ainda mais evidente a importância do Partido na organização da classe operária e camponesa italiana.

Compreende a essencialidade da autodisciplina não ser imposta pelo patrão, mas ser criada e estabelecida pelo próprio corpo de operários e estes estarem ligados diretamente na luta pela transformação do Partido e do Sindicato, para que as forças sociais italianas integrem os organismos operários e se tornem a espinha dorsal do Estado operário.

O tema sobre a autoeducação é presente no artigo, pois este é um “convite aos melhores e aos mais conscientes operários para que reflitam” e “colaborem na solução do problema, fazendo convergir para ele a atenção dos seus camaradas e de suas associações”, pois é “somente através de um trabalho comum e sólido de esclarecimento, de persuasão e de educação recíproca” que “nascerá a ação concreta de construção” do socialismo. (GRAMSCI, 1954, p.10).

A necessidade de anexar os institutos da classe operária pode ser visto nesse texto, pois quando os institutos do proletariado estão conectados entre si é que ocorre a democracia operária. Como o Partido e a Confederação do Trabalho não mais exerciam

---

<sup>5</sup> O acordo de fevereiro de 1919, que dá enquadramento definido ao instituto das Comissões Internas e abre caminho para sua transformação em componente estável do mundo operário, o que constitui pressuposto para que se possa estudar estes organismos a fim de verificar sua funcionalidade em relação ao programa de edificação de novas estruturas de poder como base do Estado Socialista. (RAPONE, 2014, p.121).



o dever de organizar o direcionamento das massas e permaneciam como controladores dos operários, o terreno da luta de classes estava aberto para a transformação das Comissões Internas em Conselhos de Fábrica, os *Soviets* italianos.

O texto *Democracia Operária* representou, portanto, um ponto muito importante no desenvolvimento intelectual e político de Gramsci e pode ser visto como o “produto mais típico da sua adesão ao comunismo e da sua interpretação do significado histórico da Revolução Russa.” (RAPONE, 2014, p.118). *L’Ordine Nuovo* representava cada vez mais o movimento de autoeducação das massas e conquistava o papel de porta voz e agente da auto-organização da classe operária formando, em conjunto com os operários, uma frente de luta na revolução internacional.

### **Americanismo e fordismo de tipo operário**

Ao longo do *Biennio Rosso*, o semanário publicava inúmeros artigos que discutiam as organizações políticas do proletariado italiano e internacional. Podiam ser lidos textos de pensadores internacionais, que retratavam o processo revolucionário e suas particularidades nacionais. A revista não se tornava apenas porta-voz dos Conselhos de Fábrica de Turim, mas da revolução socialista internacional.

A temática da ditadura do proletariado, da democracia operária, do controle e poder de novo tipo, fizeram parte de todos os números seguintes à publicação de *Democracia Operária*. Diversos foram os textos publicados por operários, com abundância de detalhes sobre a organização política nas fábricas. A democracia operária tornava-se mais do que um texto, pois surgia das relações sociais e de produção, consolidava-se em assembleias, na organização do trabalho, na estrutura das Comissões Internas e do Conselho.

Os Conselhos de Fábrica em Turim demonstraram a capacidade do proletariado se auto-organizar, politicamente, economicamente e culturalmente. O vínculo entre cultura-política-economia demarcou a nova experiência de autogestão das fábricas e de autodisciplina do proletariado. Os Conselhos auxiliavam os operários no desenvolvimento da solidariedade comunista, voltada para o coletivo e para novas relações de produção.

Contudo, a preocupação de Gramsci era a de articulação dos organismos do proletariado, pois o PSI e a CGL agiam como instituições contratualistas, oriundas e atuantes do/no Estado burguês. A política reformista do Partido Socialista e dos

Sindicatos fez com que Gramsci se aproximasse das categorias de ‘intransigência’ e – posteriormente --‘espírito de cisão’. Seria necessário que o Partido, de fato, se identificasse com a classe e vice versa. Para tanto, o Sindicato deveria se tornar uma escola do trabalho – e não uma instituição que realiza a compra e venda do trabalho ao centralizar a luta de classes na esfera econômica --.

A intransigência<sup>6</sup> -- ainda presente nas formulações de Gramsci – deveria se tornar método e tática de luta dos operários, pois no momento em que há uma identificação do Partido com a classe o espírito de cisão é fundamental para a criação de uma nova cultura, de um americanismo de tipo operário.

Dessa forma, a intransigência está relacionada com a questão da cisão das classes – entre a classe dominada e classe dominante -- e do espírito de cisão -- para elaboração do americanismo de tipo operário --, pois o espírito de cisão do proletariado turinês agia para criar uma nova cultura, uma nova política e uma nova economia. Fator fundamental é a intransigência nesse cenário, pois a tática intransigente – do proletariado -- recusa as práticas e os arranjos políticos das classes dominantes – entre partidos, cultura, política e economia -.

Voltar à questão da intransigência, da cisão e do espírito de cisão é necessário a fim de compreender o que significou o movimento conselhistas de Turim. Por mais que a experiência tenha sido sufocada e fracassada após dois anos, para analisar o *Biennio Rosso* é preciso pensar o americanismo e o fordismo por outro ponto de vista, com o objetivo de compreender que durante o processo de transformação e adaptação do trabalho, “o cérebro do operário, em vez de mumificar-se” alcança “um estado de completa liberdade.” (GRAMSCI, 1999, p.272). Sendo assim, ambos – o americanismo e fordismo de novo tipo -- precisam surgir da própria organização revolucionária do proletariado.

---

<sup>6</sup> Por mais que Gramsci e a linha *massimalista* do PSI lutassem pela intransigência, foram entre os dias 1º e 05 de setembro de 1918 que o Congresso Nacional do Partido Socialista Italiano teve como triunfo as pautas e o movimento intransigente revolucionário, que significou para o autor um marco importante na luta pelo socialismo. No Congresso, a maioria filiada ao Partido demonstrou maior consciência social e política, por assim ser, decidiram, em grande maioria, que o partido definiria “uma rígida disciplina de ação”, tendo como ação principal “a organização da atividade política”. (GRAMSCI in Org. SPRIANO, 1973, p.215). Gramsci acreditava que com a intransigência, que se tornava o fundamento da disciplina de ação e da organização das novas atividades políticas, os socialistas se tornariam capazes de assumir a nova organização da sociedade. Por assim ser, a intransigência esboçava as primeiras ações políticas do Partido e a possibilidade de um novo modo de pensar e fazer dos socialistas. No entanto, não houve mudança significativa nas ações do PSI e do Sindicato. Posteriormente, em 1921, Gramsci leva a cabo a questão da cisão entre os reformistas e a fração *massimalista* e se coloca favorável à criação de um Partido revolucionário – Partido Comunista da Itália (PCd’I).

Compreender o americanismo de tipo operário nos exige entender a nova cultura, a cultura operária criada pela classe, pois esta categoria quando relacionada com o Partido educador e educado pelo proletariado pode ser visto como estratégia para reforma moral e intelectual, capaz de criar um novo tipo humano – de simples operário para operário qualificado – que possui sua vida voltada para a centralidade do trabalho emancipado.

Dessa forma, a interação entre americanismo e fordismo é a relação entre a economia, política e cultura. O fordismo de controle operário que parte de uma mudança radical das estruturas da produção e que exige um novo trabalhador. Para tanto, Americanismo, Fordismo e Conselhos de Fábrica/Partido Revolucionário são instâncias que devem ser compreendidas a partir da relação dialética que exercem. A americanização exige um ambiente fordista revolucionário capaz de criar o equilíbrio psicofísico que enquanto sob o controle capitalista é externo e mecânico, “(...) mas poderá se tornar interno se for proposto pelo próprio trabalhador e não imposto de fora, por uma nova forma de sociedade, com meios apropriados e originais.” (GRAMSCI, 1999, p.267).

O ambiente da fábrica, ao ser transformado pelos operários conselhistas, correspondeu às necessidades do processo de racionalização tecnológica da produção e também às necessidades do proletariado, pois “a americanização exige um determinado ambiente, uma determinada estrutura social (ou a decidida vontade de criá-la)”, já que a construção do novo processo de trabalho precisa estar relacionada com a transformação das relações sociais, de reestruturação interna da fábrica e do mundo do trabalho, sendo capaz de criar “um determinado tipo de Estado.”. (GRAMSCI, 1999, p.259).

Conforme a fábrica atuava como local organizativo da vida social, centro gerador da produção material, de produção da ideologia e de formação de consciência (SCHESELENER, 2017, p.253), o proletariado turinês passou a compreender sua função na luta de classe e na construção de um novo Estado. Isso fez com que os trabalhadores exercessem o controle operário e fossem capazes de exercer o poder operário por meio da democracia operária.

Dessa forma, os Conselhos de Fábrica, agora como uma espécie de Príncipe Moderno, destinavam-se a ser o antecipador do Estado Operário – o órgão do novo Estado --, pois o trabalhador livre nas fábricas de Turim se tornava capaz de pensar e criar, durante o processo de trabalho, mecanismos de luta e de emancipação coletiva.

Quando construído o fordismo reverso, ocorre uma evolução da tecnologia na indústria que transforma e adapta os postos e a postura de trabalho dos operários e dos técnicos da fábrica. O proletariado passa a direcionar a luta de classes e compreende o

trabalho que realiza, de modo a conquistar maior autonomia. Por meio da autodisciplina, compreende a importância do trabalho coletivo, gerando uma solidariedade operária que transforma a psicologia das massas e a produção.

A qualidade profissional e a centralidade do trabalho na vida do proletariado sofre uma transformação positiva, este compreende o patrimônio que produziu, conquista maior tempo disponível para a autoeducação, política e cultura. É com esse tempo disponível e com a apropriação da realidade que foi tomada -- compreendemos como a possibilidade de criar uma história das classes subalternas -- que segundo Baratta, a revolução se torna uma realidade e o operário se vê construindo na luta de classes, no Partido e na cultura operária. Assim, conquista sua identidade como sujeito que luta, se sente livre e autônomo, organizado politicamente e intelectualmente. (BARATTA, 1989, p.35-37).

Portanto, a reflexão de Gramsci sobre o fordismo e americanismo nos faz compreender que a hegemonia é produzida nas relações de força definidas nas relações de poder e no controle operário, que ultrapassa a esfera econômica com o objetivo de atingir as esferas da cultura e da política. Essa expansão de poder e controle, quando democraticamente operários, exerce o poder por meio de uma transformação das relações e é capaz de modificar o homem e a concepção de formação humana, tanto como modo de pensar, como comportamental – por meio da autodisciplina – e político – de se organizar para determinado fim--.

A criação dos Conselhos de Fábrica e da relação americanismo/fordismo de novo tipo marcam o surgimento de outra instituição, criada pelo movimento operário organizado que conquista uma consciência responsável, que se torna educado e disciplinado, e, conseqüentemente, se torna consciente do poder de criar um Estado Operário, uma instituição semelhante/harmonicamente/livre e solidária como a fábrica revolucionária.

### **Considerações Finais**

É possível observar que o movimento dos Conselhos de Fábrica demarcou a última experiência conselhistas de influência da Rússia revolucionária (1917). Na Itália, a experiência do trabalho na fábrica capitalista era repetitiva e limitada, o operário realizava seu trabalho e mesmo que organizado no PSI, na CGL ou nas Comissões Internas não caminhava em direção à revolução socialista. Com a transformação das Comissões

Internas em Conselhos de Fábrica houve uma identificação da classe operária com a produção que contou com o protagonismo proletário no curso do movimento da história.

O direcionamento do movimento dos Conselhos de Fábrica, contou com o apoio e colaboração de seu porta voz: o semanário *L'Ordine Nuovo*. Juntos conquistaram duas características: a) de produção com um novo tipo de fordismo de controle operário, na luta pela soberania e a função da produção; b) e a recuperação da subjetividade do operário – por meio do americanismo reverso --, da transformação da consciência operária, de operário produtor para sujeito que cria a história.

Seria necessária a construção de uma unidade proletária – de operários atuantes no Partido revolucionário, no Sindicato, enquanto escola do trabalho, e nos Conselhos -- e de intelectuais organicamente ligados com a produção e a cultura. O americanismo produz uma nova civilização, isso faz com que a fábrica e as relações de produção sejam radicalizadas e garante uma nova fase: a superação do capitalismo e a criação do Estado operário fundamentado na democracia operária.

Portanto, a experiência de trabalhadores em Conselhos – órgão máximo de democracia operária – fez com que a classe trabalhadora se especializasse e compreendesse o processo de trabalho; o tempo da produção diminuiu e a produção aumentou, além de diminuir a distância entre a cultura e a fábrica.<sup>7</sup> Para Gramsci, mesmo com a derrota dos Conselhos, em fins de 1920, o proletariado turinês fez parte do processo revolucionário italiano e elaborou um americanismo de tipo operário ao recuperar seu protagonismo, controlar a produção e atuar politicamente nas fábricas com a finalidade de se estabelecer como classe dominante.

### Referências

BARATTA, G., CATONE, A. (a cura di). **Tempi moderni**: Gramsci e la critica del americanismo. Roma: Edizioni Associate, 1989.

DEL ROIO, Marcos. **Gramsci e a emancipação do subalterno**. São Paulo: Editora Unesp, 2018.

DUBLA, Ferdinando. **Gramsci e la fabbrica: produzione, tecnica e organizzazione del lavoro nel pensiero gramsciano (1913-1934)**. Manduria: Lacaita, 1986.

GRAMSCI, A. **Scritti Politici**: la guerra, la rivoluzione e i nuovi problemi del socialismo italiano (1916-1919). A cura di Paolo Spriano. Roma: Riuniti, 1973.

---

<sup>7</sup> Seria esta uma das contradições do fordismo utilizada pelo proletariado turinês e do *taylorismo* utilizado pelo *Soviet* russo. Para melhor aprofundamento no tema, buscar a seguinte referência: LINHART, Robert. **Lenin, os camponeses, Taylor**. Marco Zero, 1983.

\_\_\_\_\_, **La intransigenza di classe e la storia italiana. Scritti Politici:** la guerra, la rivoluzione e i nuovi problemi del socialismo italiano (1916-1919). A cura di Paolo Spriano. Roma: Riuniti, 1973.

\_\_\_\_\_, **Dopo il congresso. Scritti Politici:** la guerra, la rivoluzione e i nuovi problemi del socialismo italiano (1916-1919). A cura di Paolo Spriano. Roma: Riuniti, 1973.

\_\_\_\_\_, L'Esempio della Russia in **L'Ordine Nuovo:** rassegna settimanale di cultura socialista. Anno 01, N.33, 10 de gennaio, 1920.

\_\_\_\_\_, I sindacati e la dittadura In **L'Ordine Nuovo (1919-1920):** Opere di Antonio Gramsci. Roma: Einaud, 1954.

\_\_\_\_\_, Il problema della forze In **L'Ordine Nuovo (1919-1920):** Opere di Antonio Gramsci. Roma: Einaud, 1954.

\_\_\_\_\_, Il programma dell' Ordine Nuovo In **L'Ordine Nuovo (1919-1920):** Opere di Antonio Gramsci. Roma: Einaud, 1954.

\_\_\_\_\_, Lo strumento di lavoro In **L'Ordine Nuovo (1919-1920):** Opere di Antonio Gramsci. Roma: Einaud, 1954.

\_\_\_\_\_, L'operaio di fabbrica In **L'Ordine Nuovo (1919-1920):** Opere di Antonio Gramsci. Roma: Einaud, 1954.

\_\_\_\_\_, Il rivoluzionario qualificato In **L'Ordine Nuovo (1919-1920):** Opere di Antonio Gramsci. Roma: Einaud, 1954.

\_\_\_\_\_, Il programma dei commissari di reparto In **L'Ordine Nuovo (1919-1920):** Opere di Antonio Gramsci. Roma: Einaud, 1954.

\_\_\_\_\_, Il problema della forza In **L'Ordine Nuovo (1919-1920):** Opere di Antonio Gramsci. Roma: Einaud, 1954.

\_\_\_\_\_, Sindacalismo e Consigli In **L'Ordine Nuovo (1919-1920):** Opere di Antonio Gramsci. Roma: Einaud, 1954.

\_\_\_\_\_, La disciplina internazionale In **L'Ordine Nuovo (1919-1920):** Opere di Antonio Gramsci. Roma: Einaud, 1954.

\_\_\_\_\_, Il soviet ungherese In **L'Ordine Nuovo (1919-1920):** Opere di Antonio Gramsci. Roma: Einaud, 1954.

\_\_\_\_\_, Sindacati e consigli p.34-39 In **L'Ordine Nuovo (1919-1920):** Opere di Antonio Gramsci. Roma: Einaud, 1954.

\_\_\_\_\_, Sindacati e consigli p.131-135 In **L'Ordine Nuovo (1919-1920):** Opere di Antonio Gramsci. Roma: Einaud, 1954.

\_\_\_\_\_, Democrazia operaia In **L'Ordine Nuovo (1919-1920):** Opere di Antonio Gramsci. Roma: Einaud, 1954.

\_\_\_\_\_, La conquista dello Stato In **L'Ordine Nuovo (1919-1920):** Opere di Antonio Gramsci. Roma: Einaud, 1954.

\_\_\_\_\_, L'Internazionale comunista In **L'Ordine Nuovo (1919-1920): Opere di Antonio Gramsci**. Roma: Einaud, 1954.

\_\_\_\_\_, *Per L'Internazionale Comunista* In **L'Ordine Nuovo (1919-1920): Opere di Antonio Gramsci**. Roma: Einaud, 1954.

*NON FIRMATO*, L'Unità Proletaria In **L'Ordine Nuovo (1919-1920): Opere di Antonio Gramsci**. Roma: Einaud, 1954.

\_\_\_\_\_, Il problema della forza In **L'Ordine Nuovo (1919-1920): Opere di Antonio Gramsci**. Roma: Einaud, 1954.

\_\_\_\_\_, Industriali, operai, produzione In **L'Ordine Nuovo (1919-1920): Opere di Antonio Gramsci**. Roma: Einaud, 1954.

\_\_\_\_\_, *Cadernos do Cárcere, vol. 4.* (org.) Carlos Nelson Coutinho. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999.

LUXEMBURG, R. **A Revolução Russa**. Petrópolis, Vozes, 1991.

RAPONE, Leonardo. **O jovem Gramsci: cinco anos que parecem séculos (1914-1919)**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2014.

SCHLESENER, A. Política e cultura em Gramsci. In DEL ROIO, M. (Org.). **Gramsci: periferia e subalternidade**. São Paulo: Edusp, 2017.

SPRIANO, Paolo. **L'Ordine Nuovo e i Consigli di Fabbrica: 1919-1920**. Turim: Piccola Biblioteca Einaud, 1971.

#### **Outras Fontes**

*CRONACHE DELL'ORDINE NUOVO* in **L'Ordine Nuovo**: rassegna settimanale di cultura socialista. Anno 01, N.01, 1º de maggio, 1919.

ZETKIN, C. *et al* Documenti della Rivoluzione in **L'Ordine Nuovo**: rassegna settimanale di cultura socialista. Anno 01, N.03, 24 de maggio, 1919.

GRAMSCI, A. Il programma dell'Ordine in **L'Ordine Nuovo**: rassegna settimanale di cultura socialista. Anno 02, N.12, 14 de agosto, 1920.

*Recebido em 15 de julho de 2019*

*Aprovado em 13 de agosto de 2019*

*Editado em 10 de setembro de 2019*